

O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

PLAYING IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS IN THE FIRST YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION

Izana Garcia Biotto*
Ingrid Lopes Soares**

RESUMO

O ensino fundamental de nove anos disposto na lei 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 foi elaborado com o objetivo de construir uma escola com mais qualidade para todos, fazendo as crianças terem a obrigatoriedade de ingressar no primeiro ano do ensino fundamental com seis anos. Mas para que esse início de escolarização antecipado ocorra, devemos compreender e respeitar o desenvolvimento individual de cada criança enfatizando a importância do elemento lúdico. Para que ele auxilie no processo de ensino e aprendizagem das crianças, vamos analisar brevemente como as políticas escolares são aplicadas nessa etapa, o currículo escolar, a formação dos professores, os processos de ensino aprendizagem das crianças e quais ferramentas seriam mais eficazes para a progressão individual dos alunos. A metodologia aplicada será a análise dos referenciais bibliográficos, discutindo a visão dos autores pesquisados, apontando a nossa crítica a respeito do tema abordado. O nosso artigo aponta a realidade desse novo início no Ensino Fundamental, indicando uma ruptura entre os estágios de aprendizagem infantil, mostrando que o processo lúdico não está sendo trabalhado com a devida importância, fazendo-se perder uma ferramenta natural que seria mais rapidamente absorvida pelas crianças. Pois acreditamos que o processo de ensino e aprendizagem pode ser prazeroso e natural.

Palavras-chave: Ensino fundamental de nove anos. Lúdico. Ensino-aprendizagem. Currículo. Formação dos professores.

ABSTRACT

The nine-year elementary education provided for in law 11,274, of February 6, 2006 was designed with the aim of building a school with more quality for everyone, making children mandatory to enter the first year of elementary school at the age of six. But for this early start of schooling to occur, we must understand and respect the individual development of each child, emphasizing the importance of the playful element. In order for it to assist in the children's teaching and learning process, we will briefly analyze how school policies are applied at this stage, the school curriculum, teacher training, children's

* Graduada em pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano, pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade de Educação São Luiz e professora da rede municipal de Araras. izanabiotto@hotmail.com

** Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual Paulista – Unesp-RC, pós-graduada em Educação Inclusiva, pela Fundação Hermínio Ometto – Uniararas e professora da rede municipal de Araras. ingridlopessoares97@gmail.com

teaching and learning processes and which tools would be most effective for progression individual students. The methodology applied will be the analysis of bibliographic references, discussing the view of the researched authors, pointing out our criticism regarding the topic addressed. Our article points out the reality of this new beginning in Elementary School, indicating a break between the stages of childhood learning, showing that the playful process is not being worked with due importance, causing the loss of a natural tool that would be more quickly absorbed by kids. Because we believe that the teaching and learning process can be pleasurable and natural.

Keywords: Nine-year elementary school. Playful. Teaching-learning. Curriculum. Teacher education.

Introdução

Para que o lúdico auxilie no processo de ensino e aprendizagem das crianças que estão ingressando no Ensino fundamental, vamos analisar brevemente como são as políticas escolares aplicadas como o Ensino Fundamental de nove anos, o currículo atual dessa etapa do ensino, a formação dos professores e os processos de ensino aprendizagem baseados nos teóricos estudados. A transição da Educação infantil para o Ensino Fundamental é um processo que deve respeitar os desejos e direitos das crianças, pois quando estão na educação infantil, a aprendizagem é baseada nas brincadeiras e vista como recreação já quando ingressam no Ensino fundamental são considerados estudantes em uma etapa mais séria (a escolarização). Apesar das escolas de hoje contemplarem em seus currículos momentos de brincadeira, acreditamos que é possível ampliar esses momentos e transformá-los em atividades lúdicas pedagógicas, pois de acordo com o levantamento bibliográfico e o estudo de vários teóricos, o processo de ensino e aprendizagem ocorre de forma mais efetiva se acontecer com motivação e elementos pertinentes à vida da criança, como é o caso dos jogos e brincadeiras.

E para se conseguir utilizar o elemento lúdico no cotidiano escolar e inseri-lo na grade curricular seria necessária uma atenção especial à formação docente, para atuarem tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, pois os mesmos afirmam que a brincadeira atrapalha o andamento da aula e acaba atrasando o conteúdo a ser aplicado. A dicotomia presente em nosso tema abordado apresenta elementos opostos: a ludicidade, sinônimo de recreação e brincadeira, e a escolarização sinônimo de seriedade e concentração, porém se trabalhados juntos podem trazer resultados eficazes e duradouros para a vida toda.

A escolha das teorias educacionais foi feita analisando os filósofos que contemplam o elemento lúdico na aprendizagem das crianças respeitando as fases e as características infantis, construindo um embasamento sólido e nos fornecendo ferramentas para contextualizar a ausência desse elemento, que pode ser pedagógico, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Compreender a importância do processo lúdico no primeiro ano do ensino fundamental, quando se inicia o processo de escolarização nas crianças com seis anos de idade e o que pode ser melhorado para que as crianças aprendam com mais qualidade é a abordagem desse presente trabalho.

Processo de ensino aprendizagem

No presente artigo faremos uma breve abordagem sobre alguns filósofos que fizeram uso da prática lúdica em suas teorias referentes ao processo de ensino e aprendizagem. Iniciaremos no século XVIII com Rousseau e Pestalozzi, no século XIX com Dewey, e no século XX com Piaget, Vygotsky, Ausubel e Montessori. Assim como o estudo realizado por esses teóricos, acreditamos que o aprendizado não ocorre somente com a criança sentada olhando a lousa e o conteúdo transmitido pelos professores e sim experimentando, interagindo e realizando ações concretas baseadas em suas experiências de vida.

Jean-Jacques Rousseau apresenta uma nova proposta de educação para a época (século XVIII), ele acreditava que a criança deveria ser autônoma e ter seus próprios pensamentos; a escola serviria para educar a criança a viver, aprender e exercer sua liberdade. Em seu livro *Emilio ou Da Educação*, Rousseau criou um personagem infantil explicando sobre as fases da vida, e o descrevia como uma criança que brinca, cai, se machuca diferentemente de como as crianças da época eram tratadas (como mini adulto). Segundo a pedagoga Melo (2012), para o site portal da educação “O autor no século XVIII, já propunha que a criança primeiramente brincasse e praticasse esportes, pois através da brincadeira, aprenderia a linguagem, o canto, a aritmética e a geometria, e assim, criaria princípios para construção de sua autonomia”.

O filósofo francês foi um pioneiro dessa nova abordagem da educação, ele afirmava que o aprendizado é conduzido pelos próprios interesses do aprendiz em uma educação progressiva, lúdica e interativa.

Segundo o teórico suíço Johann Heinrich Pestalozzi, um contemporâneo de Rousseau, a criança se desenvolve de dentro para fora, o oposto da atual educação, que preenche o aluno de conteúdos e informações. Segundo Ferrari (2008) citou em seu artigo para a revista Nova Escola, se referenciando ao teórico Pestalozzi “Para o pensador suíço, um dos cuidados principais do professor deveria ser respeitar os estágios de desenvolvimento pelos quais a criança passa. Dar atenção à sua evolução, às suas aptidões e necessidades, de acordo com as diferentes idades” (FERRARI, 2008, p. 2).

Segundo Ferrari (2008), Pestalozzi afirma que para a criança se desenvolver (aprender), ela deveria buscar seus interesses e vontades em artefatos que circundam o seu contexto de vida e não trazido e implantado uma lógica de pessoas mais experientes, assim conservariam sua essência e o próprio amadurecimento traria o conhecimento. No processo educativo da época a punição era usada como consequência de um comportamento aversivo (o que era muito comum nas práticas educativas desse período) e ela acontecia muitas vezes devido à falta de respeito à maturidade de cada criança. O destaque do trabalho de Pestalozzi seria a descoberta sobre o afeto na sala de aula. Para o educador, o afeto teria a capacidade de estimular a autonomia das crianças em buscar novos conhecimentos, sendo uma educação contrária às punições.

No século XIX, o professor e filósofo americano John Dewey, acreditava em uma educação centrada no aluno a partir dos interesses e das experiências vivenciadas por ele, para assim ensiná-lo a pensar resolvendo as situações cotidianas.

O educador defende que “os conteúdos ensinados em sala de aula são assimilados de forma mais fácil quando são associadas às tarefas realizadas pelos alunos. John Dewey sempre defendeu a união da teoria e a prática” (BECK, 2016).

Dewey, não dissocia a escola e a vida. Ele diz que no contexto escolar deve-se aprender sobre as vivências do mundo para suprir os interesses do aluno, estimulando a iniciativa do aluno a buscar os novos conhecimentos. Ou seja, o aprendizado acontecerá quando a criança usa a teoria concebida na aplicação prática da sua vida social.

Segundo os filósofos do século XX, Piaget, Vigotski e Ausubel, ambos, têm a neurociência como ponto de partida ou de fundamentação para suas teorias. Pode-se citar Piaget com seus estágios de desenvolvimento (sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal); Ausubel com a aprendizagem significativa e Vygotsky com sua teoria da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), a qual descreve o local onde ocorre o desenvolvimento de cada pessoa.

Segundo o artigo “Refletindo acerca dos autores da psicologia da educação inseridos dentro do contexto educacional” escrito por Lopes *et al.* (2015, p. 12), afirma que o aprendizado “O aprendizado envolve mecanismos complexos e intrincados que englobam aspectos que se entrelaçam e se complementam, tais como: o processo de maturação do organismo, a experiência com objetos, a vivência social e, sobretudo, a equilíbrio do organismo ao meio”. Piaget descreveu as fases de desenvolvimento de cada indivíduo segundo a idade e suas habilidades pertinentes. Segundo Piaget, a aquisição do conhecimento seria através da assimilação e da adaptação feita pelo organismo com o processo cognitivo, retirado da interação do homem com o ambiente. Por meio da aquisição do que é útil e necessário à adaptação do indivíduo em seu contexto. Para Piaget, o conhecimento deve ser visto como uma construção em constante processo. Isso pressupõe entender que a criança é capaz de criar, recriar e experimentar de forma autônoma, impulsionando seu próprio desenvolvimento e que o papel do professor é ser o facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Para Vygotsky (2000), um teórico contemporâneo do Psicanalista Jean Piaget, para aprender o indivíduo deve interagir com o meio e com os seus pares, através dos símbolos (exemplo a linguagem), resultando em um eficaz aprendizado. A criança nasce com esse potencial biológico, porém se não houver interação não há o desenvolvimento. Essa interação ocorre na ZDP (zona de desenvolvimento proximal) – espaço entre o que o indivíduo sabe e o que ele irá aprender, é o local ideal para a intervenção do mediador (professor ou indivíduo com mais conhecimento).

Já o psicólogo Norte Americano David Ausubel (aprendizagem significativa), afirma que para aprender algo novo temos que partir de um conhecimento já adquirido.

A aprendizagem significativa pressupõe que o indivíduo possui esquemas cognitivos ordenados hierarquicamente e que os novos conhecimentos são a eles integrados de acordo com a compatibilidade que apresentarem com os conteúdos presentes nos esquemas cognitivos prévios. Os conhecimentos que formam esses esquemas são chamados por Ausubel de "subsunoções", e funcionam como uma espécie de âncora, onde os novos conhecimentos se engatam, integrando-se mais facilmente àquilo que o indivíduo já conhece. O conhecimento significativo é, por definição, o produto de um processo psicológico cognitivo ("saber") que envolve a interação entre novas ideias logicamente e culturalmente compatíveis ou compatibilizáveis com as ideias anteriores já ancoradas na estrutura cognitiva particular do aprendiz. É relevante saber que, nesse processo de produção do conhecimento significativo, a própria estrutura cognitiva do indivíduo também se modifica, ampliando-se, diversificando-se e intensificando seu potencial, tornando-se, assim, cada vez mais capaz de processar novas informações, ideias e dados e ancorar

os resultados desse processamento num *continuum* aparentemente ilimitado (MEDEIROS, 2015, p. 26-41).

A teoria da aprendizagem de Ausubel propõe que os conhecimentos trazidos pelos alunos (essência individual) sejam valorizados, para que possam construir estruturas mentais utilizando, esses conhecimentos como base para descobrir e redescobrir novos conceitos, caracterizando, assim, uma aprendizagem prazerosa e eficaz. Ampliação e a reconfiguração da aprendizagem, partindo da experiência trazida pelo educando somado a novas informações resultam em os novos conhecimentos. Segundo Medeiros e Bezerra (2015), Ausubel afirma que é a partir de um questionamento que o educando irá tentar “resolver” essa incógnita chegando a um resultado, correto ou não, mediado pelo adulto/professor, detentor de mais conhecimento, explicando o questionamento do aluno e trazendo novas informações. Então o aluno irá unir a sua experiência com a nova informação transformando em uma tese síntese e um aprendizado a partir de uma construção do conhecimento atuante.

Para finalizar nossos referenciais teóricos do século XX, abordaremos a médica e pedagoga Maria Montessori, criadora do método Montessori, inicialmente dirigido às crianças portadoras de deficiência e posteriormente abrangendo todas as crianças na fase da pré-escola. Esse método é baseado no estímulo da iniciativa e capacidade de resposta da criança, através do uso do material didático projetado por ela (sensorial, manipulativo, lúdicos, repetitivos e feitos de elementos naturais). A criança aprende por si mesmo e seguindo o ritmo de suas próprias descobertas. Além de projetar o próprio material didático, Montessori valorizava um ambiente adaptado para as crianças incentivando a autonomia, um local preparado para elas descobrirem o mundo e a si mesma. O método Montessori é fundamentado na liberdade, atividade e na independência da criança. Segundo Bueno e Silva (2015), para Montessori: “A criança, um ser em criação. Cada ato é para ela uma ocasião de explorar e de tomar posse de si mesma, ou, para melhor dizer, a cada extensão a ampliação de si mesma. E esta operação, executa-a com veemência, com fé: um jogo contínuo. A importância decorre de conquista em conquista, uma vibração incessante”.

O Lúdico e a criança

Lúdico tem origem do latim “*ludus*” que significa jogo, o que vai além de ser apenas uma brincadeira e sim uma atividade onde a criança desenvolve a criatividade,

aspectos cognitivos e sociais tornando-se uma ferramenta pedagógica de suma importância para o processo de ensino aprendizagem da educação.

No entanto definiremos o brincar como uma atividade que auxilia na formação, socialização, desenvolvendo habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais considerando assim como a necessidade do desenvolvimento infantil.

É através das brincadeiras e dos jogos que as crianças interagem uma com as outras, fazem descobertas, aprendem e se desenvolvem estimulando a criatividade e sensibilidade além da interação com o meio que a cerca. Essa interação pode ser observada desde que eles são muito pequenos, quando exploram o mundo por meio de brincadeiras e da curiosidade que é despertada. Kishimoto (2010, p. 1) enfatiza:

Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

O interesse da criança ao interagir por meio da brincadeira, resulta em uma aprendizagem prazerosa, podemos observar neste processo o lúdico como facilitador da aprendizagem, unindo o conhecimento e o saber em uma atividade como a brincadeira ou jogo, onde a criança é capaz de adquirir os conhecimentos de forma natural e prazerosa. É nas brincadeiras que as crianças desenvolvem habilidades importantes como a imitação, memória e imaginação, essas atividades devem ser estimuladas e trabalhadas pedagogicamente fazendo com que a criança por intermédio do lúdico absorva os novos conhecimentos.

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.” Carlos Drummond de Andrade.

Faz parte da infância da criança o brincar, portanto, quando usado de modo coerente na educação infantil, traz resultados imensuráveis para o desenvolvimento da criança. A brincadeira não pode ser negligenciada ou ser tratada como algo irrelevante, pois faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano, e resultando positivamente na educação contribui para a construção do conhecimento.

É por meio das brincadeiras e atividades lúdicas que as crianças reproduzem muitas das situações vividas no seu cotidiano, é notório que é na brincadeira que a criança

expressa suas vontades e desejos além de problematizar questões da vida e do contexto em que ela está inserida, proporcionando o aprendizado.

Em suma, aprender de forma lúdica proporciona muitos benefícios para as crianças. As brincadeiras, com intervenção pedagógica, em locais próprios e direcionados a elas, proporcionam um ambiente agradável e interessante agregando junto a aprendizagem de várias habilidades úteis, ao convívio social e afetivo, estimulando a um contínuo aperfeiçoamento das potencialidades humanas.

Compreendemos o lúdico como uma ferramenta pedagógica que auxilia no processo de ensino aprendizagem. No entanto o educador e a escola deveriam proporcionar as crianças brincadeiras e jogos que estimulem a interação social desenvolvendo habilidades diversas.

Em relação ao jogo consideramos as atividades que envolvem regras flexíveis, competição e desafios. Assim despertam o interesse a novos conhecimentos na busca de ser o vencedor impulsiona a criança a desenvolver a criatividade e imaginação envolvendo a integração individual e coletiva.

Segundo Piaget (1967) o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral.

Os jogos têm diversas origens e culturas que são transmitidas pelos diferentes jogos e formas de jogar. Este tem função de construir e desenvolver uma convivência entre as crianças estabelecendo regras, critérios e sentidos, possibilitando assim, um convívio mais social e democracia, porque 'enquanto manifestação espontânea da cultura popular, os jogos tradicionais tem a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social' (KISHIMOTO, 1993, p. 15).

Ao brincar podemos conceituar a ação livre e espontânea da criança que acontece de forma prazerosa em contato com suas emoções e sentimentos. A exploração dos espaços a atividades culturais que façam com que estimule na criança a criatividade. Em vista de que nos dias de hoje muitas das crianças ocupam a maior parte do tempo na frente das telas de computadores, vídeo games e eletrônicos, uma consequência também da ausência dos pais e falta de tempo devido a rotina agitada e o trabalho. O educador deve proporcionar a criança atividades que as envolvam e despertem o seu interesse em atividades espontâneas e autônomas.

“O brincar tem participação fundamental no nosso cotidiano, além de ser uma necessidade do ser humano, independente de suas crenças, idade e nível social” (COSTA, 2019, p. 20).

Em suma a brincadeira desperta a curiosidade e o interesse, que juntos caminham para a busca do conhecimento contínuo. Além de fazer parte do contexto infantil, a educação deve oferecer novos conhecimentos gerando oportunidades plenas para o desenvolvimento humano; no presente artigo, seria a brincadeira para as crianças como instrumento de aprendizado, agregando a nova informação a uma ação já praticada e presente no cotidiano das crianças.

Currículo base (BNCC) no primeiro ano do Ensino Fundamental

Como o processo lúdico é abordado atualmente de acordo com as propostas curriculares do Ensino Fundamental de 9 anos? O currículo constitui a orientação básica para o trabalho dos professores, fornecendo as competências que devem ser desenvolvidas em sala de aula. A intenção do currículo é fornecer uma base comum para que todas as escolas sigam uma programação em comum e de modo que os alunos tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Cabe a cada escola o desafio de cumprir a mesma programação sem deixar de lado a questão social de sua comunidade e fazer com que os estudantes sejam inseridos nesse conteúdo com uma atitude crítica de cidadãos.

A escola tem que estar atenta a necessidade de incorporar uma linguagem que converse com seus alunos promovendo uma educação eficaz. No ensino fundamental, principalmente no primeiro ano, onde a faixa etária dos alunos é de 6 anos, é imprescindível que haja a introdução desse conteúdo proposto sem, contudo, esquecer que o público alvo são crianças que acabaram de sair da educação infantil e que essa transição deve ocorrer de forma natural e não traumática para que não haja desinteresse e fracasso escolar. O conteúdo deve ser acompanhado do elemento lúdico pois faz parte da natureza da criança o ato de brincar; as brincadeiras são indispensáveis para o desenvolvimento das crianças e suas aprendizagens. Porém, mesmo com toda essa necessidade do lúdico fazendo parte do dia a dia das crianças, são poucas instituições que realmente fazem com que isso aconteça e infelizmente no Ensino Fundamental a tendência é que lúdico vá desaparecendo. Segundo o Ministério da Educação (MEC) o currículo a ser seguido como base nacional comum contém as seguintes áreas de formação

nos anos iniciais (do 1º ao 5º ano): Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa); Matemática (Matemática; Ciências da Natureza: Ciências); Ciências Humanas (Geografia e História) e Ensino Religioso.

Cada componente curricular apresenta um conjunto de habilidades relacionadas a diferentes objetos de conhecimento (conteúdos, conceitos e processos), que, por sua vez, e são organizados em unidades temáticas. Pensando na educação no Ensino Fundamental que compreende do 1º ao 5º ano quando falamos em artes por exemplo, temos as unidades temáticas que a representam (Artes visuais/ Dança/ Música/ Teatro/ Artes integradas); em Educação Física foi compreendido aos anos iniciais os temas Brincadeiras e jogos, Esportes, Ginásticas e Danças. Matemática traz para os anos iniciais as aprendizagens em números, álgebra, geometria, grandezas e medidas, probabilidade e estatística, matéria e energia. Ciências, compreende vida e evolução, terra e universo. Geografia traz as unidades o sujeito e seu lugar no mundo, conexões e escalas, mundo do trabalho, formas de representação e pensamento espacial e natureza, ambientes e qualidade de vida. Em história as unidades temáticas são: mundo pessoal-meu lugar no mundo (1º ano); mundo pessoal: eu, meu grupo social e meu tempo (1º); a comunidade e seus registros (2º); as formas de registrar as experiências da comunidade (2º), o trabalho e a sustentabilidade da comunidade (2º); as pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município (3º); o lugar em que se vive (3º); a noção de espaço público e privado (3º); transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos (4º); circulação de pessoas, produtos e culturas (4º); as questões históricas relativas às migrações (4º); povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social (5º); registros da história: linguagens e culturas (5º). Em linguagens (além de artes que já foi exemplificado acima) temos a Língua Portuguesa que apresenta oralidade: Interação discursiva/ intercâmbio oral no contexto escolar, funcionamento do discurso oral, estratégias de escuta de textos orais em situações específicas de interação, produção de textos orais em situações específicas de interação, variação linguística; leitura: construção da autonomia de leitura e estratégias de leitura; escrita: apropriação do sistema alfabético de escrita, estratégias antes da produção do texto, estratégias durante a produção do texto, estratégias após a produção do texto; conhecimentos linguísticos e gramaticais: apropriação do sistema alfabético de escrita, convenções gráficas da escrita, processos de formação e significados das palavras, ortografia, morfossintaxe, variação linguística; educação literária: categorias do discurso literário, reconstrução do sentido do texto literário, experiências estéticas, o texto literário no contexto sociocultural, interesse pela leitura literária e por fim vamos contextualizar a

Língua Inglesa que compõe-se de: oralidade: interação discursiva, compreensão oral e produção oral; leitura: estratégias de leitura, práticas de leitura e construção de repertório lexical, práticas de leitura e pesquisa, práticas de leitura e fruição, práticas de leitura e novas tecnologias, atitudes e disposições favoráveis do leitor, avaliação dos textos lidos; escrita: estratégias de escrita; pré-escrita, estratégias de escrita: escrita e pós-escrita, práticas de escrita; conhecimentos linguísticos e gramaticais: estudo do léxico e gramática; dimensão intercultural: A língua inglesa no mundo, a língua inglesa no cotidiano da sociedade brasileira/ comunidade, comunicação intercultural, manifestações culturais.

Ao longo da Educação Básica, os alunos devem desenvolver conhecimentos que pretendem garantir uma formação humana integral que visa à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Em especial na educação que compreende o 1º ano do Ensino Fundamental não é vista a menção da obrigatoriedade da prática lúdica em todos os componentes curriculares. Ao analisar a BNCC, notamos a menção do lúdico na competência Linguagem que compreende a linguagem corporal e também há na Base Nacional Comum uma citação bastante superficial sobre a importância do lúdico.

Segundo o documento da BNCC o currículo deve: “valorizar e problematizar as vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos (bibliotecas, pátio, praças, parques, museus, arquivos, entre outros)”.

Percebemos uma preocupação de alguns críticos, na forma tradicional de ensino que se mantém e, segundo eles, a BNCC teria a intenção de acelerar um processo de alfabetização, que deveria respeitar a maturidade de cada criança e esse processo deveria ter início ainda na Educação Infantil de forma gradual e natural à criança.

Essa atitude precoce muitas vezes é exigida pelos pais, que querem ver seus filhos alfabetizados o quanto antes, referenciando a conquista de um troféu; para os críticos, nessa idade, as crianças aprendem brincando, é indispensável que esse processo ocorra de forma natural. Portanto a questão não é o que a criança aprende, mas a maneira como aprende. Com o presente artigo, constatamos que o professor não está preparado para mediar o processo educativo através da brincadeira, pois a academia também forma os professores baseados em transmitir o conhecimento sobre a didática e não se aprofunda no ensinamento da forma lúdica, pois os adultos se esqueceram de como brincar.

No mundo globalizado e repleto de informações, tudo muda com muita rapidez e devemos nos adaptar sempre ou ficaremos ultrapassados. Da mesma forma que mudam

os interesses, mudam-se também os alunos que são, ou deveriam ser, os maiores beneficiados dentro da escola.

O aluno de hoje não é mais aquele que aceitava tudo que o professor ensinava sem questionar. Com a rapidez de que lhes chegam as informações, as indagações também aumentam. O professor tem que ser dinâmico e criativo para conseguir métodos de ensinar e ter a atenção dessa nova clientela. Mas e sua formação para lecionar nos primeiros anos do ensino fundamental, tem acompanhado essa mudança na mesma velocidade? Pela lei vigente os professores com a formação de nível médio na antiga modalidade normal podem lecionar tanto na educação infantil como no ensino fundamental.

Segundo o portal do MEC, o Ministério da Educação tem aumentado as ações de formação de docentes para atuar na Educação infantil e também oferece o programa Pró Letramento para professores de Ensino Fundamental da rede pública para aperfeiçoar sua prática no ensino de leitura, escrita e matemática. Ainda segundo o site, com o ensino Fundamental aumentado para 9 anos, houve aumento da procura por essa etapa o que também se exigiu maior quantidade de docentes. Para a educação infantil também há incentivos como o Proinfantil que visa formar professores sem formação pedagógica com um mínimo de instrução. Há ainda outros programas como o Plano de formação de professor com os cursos de segunda graduação destinada aos que já possuem formação, mas esta é inadequada para atual na Educação Infantil e primeira etapa do Ensino Fundamental.

Ao se procurar sobre formação do professor vemos que a grade de um curso de pedagogia tem conteúdos como teorias pedagógicas, sociologia, psicologia, metodologia entre outras, as quais formam o professor seja para o exercício da docência ou supervisão. Qual o perfil dos docentes na educação infantil e fundamental, em especial dos anos iniciais? Se a brincadeira é tão importante no contexto infantil, por que ela não está presente na escola?

Documentos do Ministério da Educação dispõe de referências que devem ser tomadas como guia de orientação aos professores, os mesmos devem ter consciência, na prática, que tudo deve ser apresentado aos estudantes de forma globalizada, onde eles percebam uma relação entre todo o currículo de forma que não seja uma maneira engessada, se adaptando ao contexto social ao qual está inserido.

A brincadeira na fase inicial do ensino fundamental é tida como uma forma que atrapalhar o andamento da classe. Normalmente percebemos que o brincar acontece nos

intervalos ou então na educação física. Desde o século 17, Comênio já questionava a maneira como a educação deveria ser praticada. Comênio, o pai da didática moderna, já tratava a questão numa época em que a escola era vista como um castigo. Esse filósofo já indagava por que não se pode aprender através de brincadeiras e também defendia a ideia de trazer a realidade social para dentro da escola. Ao analisarmos documentos atuais podemos refletir que há coisas que, independentemente de época, não perdem sua veracidade.

Vale lembrar que os valores se concretizam na prática cotidiana e são construídos pelas crianças também por meio do convívio social. Assim, o professor e a instituição devem organizar sua prática de forma a manter a coerência entre os valores que querem desenvolver e a ação cotidiana (RCNEI, 1998, p. 204).

O brincar desenvolve várias habilidades na criança, é através da brincadeira que a criança interage com o mundo e o professor não pode passar despercebido a essa realidade. O brincar permeia a relação que se estabelece com os materiais: mais do que sons, podem representar personagens, como animais, carros, máquinas, super-heróis etc. (RCNEI, 1998, p. 52).

A brincadeira em sala de aula, fora nos horários estipulados previamente, não é estimulada por muitos professores, pois eles acreditam que essa atitude atrapalha a aprendizagem, mas o brincar faz parte e auxilia inclusive no processo de aprendizagem. Cabe ao professor saber desenvolver situações em que a brincadeira o beneficie.

Com a formação de nove anos do ensino fundamental a criança agora ingressa no primeiro ano do ensino fundamental ainda com seis anos de idade. O ministério da educação propõe esse aumento de tempo da criança em ambiente escolar aliado a uma educação de qualidade. Há uma forte discussão sobre essa realidade e muitos se posicionam contra, pois professores tem que acelerar a introdução do que é imposto no currículo. O ritmo do ensino fundamental tende a ser diferente do ritmo da educação infantil e toda essa diferença de uma etapa para outra é sentida pela criança de forma negativa, pois ela ainda aprende por meio das brincadeiras e agora está inserida num ambiente “mais sério”. Vale ressaltar que aliado à brincadeira o ensino torna-se muito mais prazeroso para ambos.

O professor precisa sempre estar em busca de formação continuada, se atualizando e se adequando a essa intermediação de fase. Essa busca, claro que também deve se estender aos gestores e coordenadores, e todos, visando a qualidade do ensino, jamais podem se esquecer que continua sendo essencial para o desenvolvimento dessa faixa

etária o uso da forma lúdica de se ensinar. A participação do professor mediador é fundamental e o resultado de êxito ou fracasso está diretamente ligado ao relacionamento entre aluno e professor. Segundo o psicanalista Freud, há uma relação de afeto entre o professor e o aluno (uma transferência afetuosa dos pais em relação aos educadores) gerando confiança ou reprovação, ambos resultando no desejo de aprender.

Considerações Finais

Com o presente artigo, nós concluímos que a escolarização pode ser iniciada na etapa da Educação Infantil, onde alguns dos teóricos estudados se embasaram em estudos neurológicos e demonstram uma intensa atividade cerebral e aptidões para receber os novos conhecimentos pertinentes a essa faixa etária (a criança com 4 anos de idade), porém ambos concluem que se deve respeitar a criança como um ser em formação e usar seu contexto de vida como ferramenta de trabalho para um aprendizado eficaz. Por isso, destacamos o uso da ludicidade, como uma ferramenta essencial que pode se tornar pedagógica com a finalidade de ensinar naturalmente, pois é através da brincadeira que a criança constrói seu aprendizado, ampliando a convivência com seus pares, solucionando os problemas de seu contexto, ampliando sua cultura, explorando os seus sentidos e amadurecendo suas emoções, entre outros benefícios que desenvolvem características importantes para a vida adulta.

Destacamos também a falta de políticas públicas que introduzam as brincadeiras pedagógicas em seus currículos nessa etapa educacional, tornando uma transição mais natural do universo da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Preparando também os docentes, os quais tem o papel fundamental em mediar e direcionar de forma pedagógica desse aprendizado, porém constatamos que a formação desse profissional deve receber mais atenção e um preparo para atuar em sala de aula. Para assim, obtermos um real e efetivo aprendizado introduzindo a ferramenta lúdica em suas atividades diárias dando a devida importância que essa prática merece.

Referências

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo**: de Piaget a Emilia Ferreiro. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

BALESTRA, Maria Marta Mazaró. **A Psicopedagogia em Piaget**: uma ponte para educação da liberdade. Curitiba: Intersaberes, 2012.

BALOI, Jochua Abraao. **A Contribuição de John Dewey para a Educação:** uma reflexão sob ponto de vista da educação em Moçambique. Disponível em: <http://www.consciencia.org/a-contribuicao-de-john-dewey-para-a-educacao-uma-reflexao-sob-ponto-de-vista-da-educacao-em-mocambique>. Acesso em: 9 maio 2021.

BARTOSZECK, Amauri Betini. **Neurociência dos seis primeiros anos.** Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267236019_NEUROCIENCIA_DOS_SEIS_PRIMEIROS_ANOS-implicacoes_educacionais, Curitiba, PR. Acesso em: 8 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm. Acesso em: 25 mar 2021.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a Educação Básica. Diretrizes Curriculares/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. A criança de 6 anos a linguagem escrita e Ensino Fundamental de nove anos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&id=4034&Itemid. Acesso em: 16 abr. 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

BRASIL. Ensino Fundamental de Nove Anos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensifund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

BRASIL. Guia de Leitura da Base Nacional Comum Curricular - BNCC – CNE. Disponível em: http://cnebncc.mec.gov.br/docs/BNCC_Guia_de_leitura.pdf. Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 17 maio 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In: Ana Mercês Bahia (Org.). **Psicologia e Compromisso Social.** São Paulo: Cortez Editora, 2003. p. 15-28.

BUENO, Francisca Hiula dos Santos; SILVA, Karla Calixto da. **Análise das atividades lúdicas como instrumentos pedagógicos em sala de aula:** contribuições para o processo educativo nas séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Leopoldo

Cunha, Dom Eliseu, PA. 2015. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Dom Eliseu, 2015.

BUNGE, Mário. **Problema, mente-cérebro: um enfoque psicológico**. Madrid: Editorial Tecnos, 2007.

CABRAL, João Francisco Pereira. A educação no “Emílio” de Rousseau". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-educacao-no-emilio-rousseau.htm>. Acesso em: 18 abr. 2021.

COSTA, Manuela Fernandes. **A importância do brincar no desenvolvimento infantil como ferramenta do assistente social**. 2019. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.

DUPRAT, Maria Carolina. **Ludicidade e educação infantil**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2014. (Coleção Bibliografia Universitária Person).

ESPIRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Desafios na formação do educador**. 4. ed. São Paulo: Ágora, 2012.

FERRARI, Márcio. **Pestalozzi, o teórico que incorporou o afeto à sala de aula**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1941/pestalozzi-oteorico-que-incorporou-o-afeto-a-sala-de-aula>. Acesso em: 24 maio 2021.

HENDLER, Vanícia Behenck. **O Lúdico nas primeiras séries do Ensino Fundamental**. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142848/000993665.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 abr. 2021.

KESSELRING, Thomas. **Jean Piaget**. Caxias do Sul: Educs, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

LILLARD, Paula Polk. **Método Montessori: uma introdução para pais e professores**. Barueri: Manole, 2017.

MAIA, Christiane Martinatti. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

MEDEIROS, Mário; BEZERRA, Edileuza de Lima. Contribuições das neurociências ao processo de alfabetização e letramento em uma prática do Projeto Alfabetizar com Sucesso. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília-DF, v. 96, n. 242, p. 26-41, abr. 2015. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000100026&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 jul. 2021.

MELO, Rita de Cássia. As contribuições de Jean Jacques Rousseau para a Humanidade. **Portal Educação**. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/as-contribuicoes-de-jean-jacques-rousseau-para-a-humanidade/14015>. Acesso em: 3 jun. 2021.

MIRANDA, Simão de. **Oficina de ludicidade na escola**. Campinas: Papyrus, 2013.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. **Teorias da aprendizagem: um encontro entre o pensamento filosófico, pedagógico e psicológico**. 3. ed. rev. Curitiba: InterSaberes, 2018.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**: Curitiba Ibpx, 2007.

RICO, Josi. **O que a BNCC propõe para a alfabetização?** Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/40/o-que-a-bncc-propoe-para-a-alfabetizacao>. Acesso em: 10 maio 2021.

ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da; PASQUAL, Marina Leme; FERREIRA, Mayara Carrijo. **Brincadeiras no Ensino Fundamental: pistas para a formação de professoras**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n1/2175-6236-edreal-37-01-213.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

SANTOS, Luciola Licínio de C. P. Políticas públicas para o ensino fundamental: parâmetros curriculares nacionais e sistema nacional de avaliação (saeb). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 80, set. 2002. Disponível em: http://186.193.48.66:23200/curso1/3-sala_fundamentos_direito_educacao/textos_links/politicas_publicas_luciola_santos.pdf. Acesso em: 19 mar. 2021.

SILVA, Elias do Nascimento; LOPES, Shirlen; PÓLIO, Elaine de.; PAULA, Miriam de.; MORAIS, Silvana Reifur; GONÇALVES, Sueli Silva da Mota. Refletindo acerca dos autores da psicologia da educação inseridos dentro do contexto educacional. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, ano MMXV, n. 000076, p. 1-14, 2015. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/pensadores_da_educacao_ok.pdf. Acesso em: 23 jul. 2021

SILVA, Jave de Oliveira. **Questões relevantes sobre o Ensino Fundamental de nove anos**. Disponível em: <https://javesilva.jusbrasil.com.br/artigos/137113076/questoes-relevantes-sobre-o-ensino-fundamental-de-nove-anos>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SIMÕES, Renata. O lúdico em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/o-ludico-em-turmas-de-1o-ano-do-ensino-fundamental/>. Acesso em: 24 maio 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

TERRA, Marcia Regina. **O desenvolvimento Humano na teoria de Piaget**. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>. Acesso em: 7 fev. 2021.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.